

Sociolinguística

**Geralda de Oliveira Santos Lima
Raquel Meister Ko Freitag**



**São Cristóvão/SE
2010**

Sociolinguística

Elaboração de Conteúdo

Geralda de Oliveira Santos Lima

Raquel Meister Ko Freitag

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Revisão

Leilane Ramos da Silva

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Lima, Geralda de Oliveira Santos.

L732s Sociolinguística / Geralda de Oliveira Santos Lima, Raquel
Meister Ko Freitag -- São Cristóvão: Universidade Federal de
Sergipe, CESAD, 2010.

1. Sociolinguística. 2. Ensino - Língua portuguesa. 3. Educação. I.
Freitag, Raquel Meister Ko. II. Título.

CDU 81`27

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Hérica dos Santos Mota
Iara Macedo Reis
Daniela Souza Santos
Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos
Elizabete Santos
Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaína Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscilla da Silva Góes (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Carolina Faccioli dos Santos
Cassio Pitter Silva Vasconcelos
Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton
Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
Relações entre língua e sociedade	07
AULA 2	
Introdução aos estudos sociolinguísticos: objeto e conceitos	21
AULA 3	
Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos..	37
AULA 4	
Variação linguística no português brasileiro	55
AULA 5	
A pesquisa variacionista: princípios de investigação.....	67
AULA 6	
Coleta de dados: o método da entrevista sociolinguística	83
AULA 7	
A importância do tratamento da variação no ensino de língua portuguesa.....	97
AULA 8	
A análise das regras variáveis.....	109
AULA 9	
Contribuições da Sociolinguística para a educação.....	125
AULA 10	
Política e planificação linguística.....	135

RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE

META

Apresentar a relação entre língua e sociedade e os conceitos subjacentes a esta abordagem: língua, gramática e norma.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Refletir sobre a relação entre língua e sociedade;
analisar criticamente os conceitos de língua, gramática e norma linguística pertinentes à Sociolinguística.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento prévio, da perspectiva normativa e linguística, de língua e gramática.



(Fonte: <http://brasil.indymedia.org>)

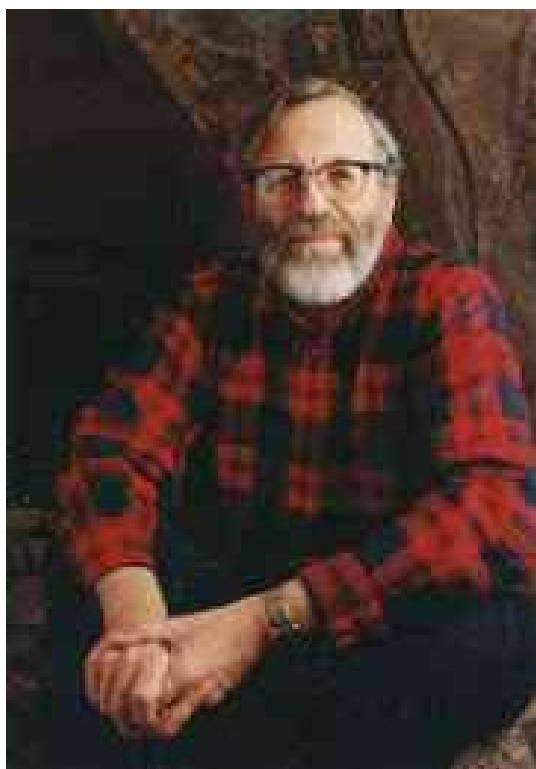
INTRODUÇÃO

A Linguística é uma ciência relativamente recente. E, como você já deve ter visto na disciplina Linguística, foi pautada essencialmente a partir das observações de Ferdinand de Saussure ([1916]2002). A Linguística, a partir do momento em que se constitui como ciência autônoma, tem como objeto de estudo a *langue*, estrutura homogênea. Sua preocupação básica passou a ser a análise das relações internas entre os elementos linguísticos, estabelecendo-se, assim, a chamada “linguística estrutural”, sem se preocupar com as relações entre a linguagem e a sociedade. Esta foi uma opção de caráter eminentemente metodológico, pois Saussure reconhece a língua como um fato social. A opção de se estudar a *langue*, ao invés da

parole, dá-se principalmente por conta das barreiras e dificuldades encontradas neste tipo de abordagem. Tal opção persiste na corrente gerativista.

Na década de 1960, a reação que se operou contra o avassalador domínio dos conceitos da linguística estruturalista produziu um comportamento oposto. Para muitos linguistas, havia chegado o momento de se fazer um balanço do que a Linguística tinha feito ou deixado de fazer. Sabiam que a tarefa era difícil, complexa, pois era preciso se fazer uma reflexão mais ampla acerca dos estudos da linguagem, levando-se em conta, principalmente, o fato de que ela funciona como um instrumento mediador entre os homens e o mundo. Assim sendo, distribuímos as aulas que compõem a disciplina Sociolinguística de forma a conduzir você naturalmente no processo de apropriação do saber na área da diversidade linguística.

A nossa proposta inicial é a de se refletir um pouco sobre as relações entre linguagem e sociedade. Apresentamos conceitos linguísticos essenciais para entendermos esta relação: língua, gramática e norma. Em seguida, recuperamos o contexto histórico do surgimento da Sociolinguística.



William Bright foi um grande lingüista norte americano que organizou um congresso em 1964, com vários estudiosos da relação entre língua e sociedade, onde o termo “Sociolinguística” foi fixado. (Fonte: <http://www.ncidc.org>)

LÍNGUA E SOCIEDADE

Uma das características dos seres humanos é a sua capacidade de se agrupar, o que faz com que sejamos animais sociais. Mas, diferentemente de outros animais sociais, como as abelhas, os seres humanos não fazem parte apenas de um único grupo. Uma abelha operária será sempre apenas uma abelha operária; se sua função é a de buscar pólen, sempre esta será sua função, seu papel social. Com os seres humanos, as coisas não funcionam deste jeito. Um indivíduo assume diferentes papéis no seu convívio social. Vejamos um exemplo: José é um jovem com 25 anos, casado e com um filho. José é policial e nos fins de semana joga futebol com os amigos. No círculo familiar, José é pai, marido, filho e com os indivíduos de seu círculo familiar trava certo tipo de relacionamento. Pode, por exemplo, andar sem camisa, falar espontaneamente, sem precisar se monitorar. No seu círculo profissional, José precisa estar fardado, pois este é o índice de pertencimento de policiais. Seu uso linguístico é mais monitorado, com palavras que impõem ordem e respeito. Já nos fins de semana, no seu círculo de amigos, José veste o uniforme do time, relaxa e isto se reflete também no seu uso linguístico.

Os grupos sociais se formam em função de traços identitários, índices de pertencimento. Crenças, valores, aparências e também a língua funcionam como índices de pertencimento. Você pode estar pensando “mas não falamos sempre a mesma língua, o português?”. No exemplo que vimos acima, não só a roupa dá pistas sobre os grupos sociais dos quais José é vinculado, mas também o seu uso linguístico. Embora sempre continue usando a mesma língua, José faz escolhas linguísticas, as quais são fortemente influenciadas pelo papel social que ele desempenha no momento. Por exemplo, quando está exercendo sua função de policial, José vai escolher



01



02



03

A mulher moderna assume múltiplos papéis sociais, além de esposa e mãe, adentra no mercado de trabalho

(Fontes: 01 - <http://www.imagensdahora.com.br> , 02 - <http://3.bp.blogspot.com>, 03 - <http://condicaodamulher.files.wordpress.com>)

palavras que denotem impessoalidade, distanciamento e deferência, como em “O senhor pode me acompanhar”. Já em seu seio familiar, José dificilmente pedirá para sua esposa passar o sal à mesa da seguinte forma “A senhora pode me passar o sal?”, a não ser que seja uma situação de deboche. Com seus amigos no futebol, José pode, após um lance não cobrado pelo juiz, dizer “filho da p...”, mas dificilmente fará uso deste tipo se o seu filho derrubar leite na toalha da mesa. Assim, identificamos grupos sociais também por conta do seu uso linguístico.



Com o exemplo de José e seus papéis nos grupos sociais, queremos demonstrar a interrelação entre língua e sociedade que possibilita aos falantes das mais diversas línguas – não só do português – se constituírem como sujeitos, pois é no âmbito das atividades de linguagem, próprias de sujeitos social e historicamente situados, que emergem e evoluem, de forma contínua, aspectos estruturais das línguas naturais, sempre em relação com contextos/papéis sociais que determinam as opções linguísticas dos falantes, definindo aquilo que chamamos de norma linguística. Vamos, primeiramente, destrinchar conceitos que são usados a todo o momento, mas nem sempre com o mesmo significado, pois são polissêmicos: língua, gramática e norma linguística. Sem entender estes conceitos, não é fácil entender o objeto de estudo da Sociolinguística.

Assim como trocamos de roupa, trocamos de língua, de acordo com o papel social que desempenhamos

(Fonte: www.familiesonlinemagazine.com)

A NORMA LINGUÍSTICA, LÍNGUA E GRAMÁTICA

Apesar de os termos língua e gramática serem de uso comum, são conceitos nada banais, já que diferentes teorias linguísticas recortam e definem de modo diferente seus objetos. Existe uma estreita correlação entre as diferentes concepções de língua(gem) e suas concepções de gramática. Antes, porém, de tratarmos dessa correlação, vamos abordar a questão da norma linguística. A noção de norma está associada à noção de grupos sociais, ou seja, do uso que cada indivíduo faz da língua

[...] numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s)

de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante (FARACO, 2002, p. 38).

As normas linguísticas dos grupos sociais dos quais os indivíduos participam apresentam características identitárias por se agregarem a certos valores socioculturais, mas também se mesclam e se influenciam mutuamente, ou seja, são mescladas ou “hibridizadas” (FARACO, 2002, p. 39). Assim, a língua é intrinsecamente heterogênea e dinâmica, como uma atividade social, sendo constituída de variedades. E é como uma variedade que é definida a ‘norma culta’:

A expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p. 40).

A norma culta está associada a certos valores sociais: os indivíduos que a usam têm, potencialmente, alto grau de escolarização (passaram pela universidade), assumem papéis sociais que exigem formalidade e em que predomina a cultura escrita. A norma culta é a variedade linguística encontrada na mídia e difundida nos grandes centros urbanos, como em jornais, revistas, livros, etc. Corresponde ao uso linguístico de prestígio. A norma culta, como qualquer outra norma, pode ser escrita ou falada, e também está sujeita a variações e mudanças. É devido ao caráter heterogêneo da norma culta que há autores, como Marcos Bagno, que preferem falar em “variedades cultas” (no plural) porque

não existe um comportamento linguístico homogêneo por parte dos ‘falantes cultos’, sobretudo (mas não somente) no tocante à língua falada, que apresenta variação de toda ordem segundo a faixa etária, a origem geográfica, a ocupação profissional etc. dos informantes (BAGNO, 2002, p.179).

Já a norma padrão costuma ser associada à ideia de língua homogênea descrita/prescrita pela gramática normativa. Esta tem um papel unificador que busca neutralizar as variações tornando-se uma “referência suprarregional e transtemporal” (FARACO, 2002, p. 42). Por causa disto, a norma padrão é, muitas vezes, confundida com a própria língua.

Resumindo: do ponto de vista conceitual, norma padrão e norma culta são duas entidades diferentes: a norma padrão refere-se a regras impostas, a um ideal abstrato de língua tida como ‘correta’; a norma culta refere-se a padrões efetivos de uso linguístico observável em dado grupo

social, ou seja, a certa variedade de língua, que é tida como de prestígio. As demais variedades são socialmente desprestigiadas, tidas como não-padrão. É importante dizer que a norma culta se destaca dessas outras variedades em decorrência de fatores históricos e culturais que determinam a sua legitimação, e não em função de fatores linguísticos. Ou seja, a norma culta não é linguisticamente melhor nem mais complexa do que as demais normas/variedades.

É importante entender a diferença entre norma padrão e norma culta porque se reflete na diferenciação entre gramática normativa/prescritiva e gramática descritiva, respectivamente, atreladas a julgamentos de correção e de adequação. Assim, ‘certo’ e ‘errado’ são valores atribuídos ao que está, respectivamente, em conformidade, ou não, com as regras gramaticais normativas; já ‘adequado’ e ‘não adequado’ são avaliações de caráter descritivo que são aplicadas em termos de regras de comportamento social: como dissemos anteriormente, o uso linguístico é visto como uma regra de etiqueta social, um índice de pertencimento.

Embora linguagem e língua sejam noções interligadas, a noção de linguagem é mais abrangente que a de língua. O termo linguagem costuma ser associado a palavras como ‘faculdade’, ‘capacidade’, ‘atividade’, com foco tanto na função cognitiva/biológica, como na função comunicativa/social da linguagem humana. A linguagem é uma atividade cognitiva e discursiva, já que ela mantém um vínculo estreito com o pensamento e também estabelece a interlocução.

As diferentes concepções de linguagem podem ser agrupadas em quatro possibilidades, que têm, de forma mais ou menos correlata, concepções compatíveis de língua e de gramática.

Quadro 1: Correlação entre as concepções de linguagem, língua e gramática

<i>Linguagem</i>	<i>Língua</i>	<i>Gramática</i>
1. <i>Representação</i> do mundo e <i>expressão</i> do pensamento (a metáfora do ‘espelho’ costuma ser evocada aqui). O homem representa para si o mundo através da linguagem, constrói em sua mente a expressão e então a externaliza. Da capacidade de organização lógica do pensamento dependerá a organização lógica das idéias expressas.	<i>Formas de expressão</i> produzidas. Como há uma preocupação com a clareza e a organização lógica das idéias que são expressas, busca-se uma língua homogênea, tomando-se como modelo a escrita padrão (de preferência aquela elaborada literariamente), que, não raro, acaba representando a própria língua, confundindo-se com ela. Em última instância equaciona-se: <i>língua = escrita padrão</i> .	<i>Gramática tradicional</i> e <i>gramáticas normativas</i> em geral, cujo objeto é uma língua homogênea, idealizada, baseada na escrita literária clássica. À medida que impõe regras rígidas para falar e escrever ‘corretamente’, a gramática normativa tradicional impõe julgamentos de valor, constituindo-se numa doutrina: a doutrina gramatical. É o resultado do trabalho dos gramáticos
2. Capacidade inata e universal, que faz parte da herança genética do ser humano e permite a ele reconhecer e produzir um número infinito de sentenças gramaticais atribuindo-lhes, respectivamente, uma interpretação semântica e uma interpretação fonológica.	Conjunto de propriedades estruturais abstratas, complexas e altamente específicas, que são conhecidas pelos indivíduos independentemente do contexto, e que podem ser descritas numa perspectiva matematicamente precisa. Trata-se de “um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 1957, p. 13). Língua = conhecimento internalizado; atividade mental.	Gramática internalizada, entendida como “um sistema de regras, unidades e estruturas que o falante de uma língua tem programado em sua memória e que lhe permite usar a língua” (PERINI, 2006, p.23). Em outras palavras, a gramática internalizada corresponde à competência lingüística do falante.
3. Instrumento de comunicação, cuja principal função é a transmissão de informações. É colocado em relevo o circuito da comunicação: um emissor transmite a um receptor, através de um canal, uma informação colocada em código.	Código: um conjunto de signos que se combinam segundo certas regras que os organizam em níveis hierárquicos (fonológico, morfológico, sintático), e que deve ser conhecido pelos falantes para que a comunicação possa acontecer. Embora seu uso seja um ato social, a língua é pré-estabelecida e concebida como um sistema convencional imanente, desvinculado dos indivíduos. Língua = código; estrutura.	Perspectiva formalista que se ocupa da descrição da língua enquanto estrutura, vista em geral como um sistema homogêneo. Enquadram-se aqui as gramáticas descritivas formais.
4. Forma ou lugar de ação ou interação. Os interlocutores são sujeitos que ocupam determinados lugares sociais num dado contexto sócio-histórico e em diferentes situações comunicativas, não só traduzindo e externando pensamentos e sentimentos, transmitindo informações, mas principalmente atuando uns sobre os outros através da linguagem.	“Conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado” (CASTILHO, 1998, p. 11). A língua é uma realidade sócio-historicamente construída pelos sujeitos/interlocutores. Língua = enunciação; atividade social.	O conjunto de usos efetivos historicamente situados, portanto heterogênea (representável por regras variáveis lingüística e socialmente motivadas), está atrelado ao que podemos chamar de gramáticas descritivas funcionais. Descritivas, porque registram e descrevem diferentes variedades da língua em uso; e funcionais, porque procuram explicitar as regras que regem o funcionamento dos itens lingüísticos em todos os níveis, principalmente o discursivo. Esse tipo de gramática não se ocupa apenas das formas, mas de formas e funções.

Fonte: GORSKI; FREITAG, 2008, p. 103

A Sociolinguística alinha-se à concepção de linguagem, língua e gramática de número 4 no quadro 1.

Koch (2002) vê a língua simultaneamente como um sistema e como uma prática social. No primeiro caso ela é vista como um conjunto de elementos inter-relacionados que se manifestam em vários níveis de organização (fonológico, morfológico, sintático, semântico). No entanto, só se realiza ou se configura no interior do meio social, lugar de interação dos membros de uma sociedade. A análise que aqui propomos centra-se na construção entre a concepção de língua como sistema, de um lado, e a questão da mudança linguística, de outro. A visão da sistematicidade da língua remete à questão do funcionamento da língua enquanto instrumento privilegiado da comunicação humana, a sua condição de código, que, para cumprir as suas funções discursivas, deve ser estruturado.

É, justamente, nesse universo de interação que se constituem não apenas as formas linguísticas, mas também todas as maneiras de falar dos sujeitos nas suas atividades de linguagem. Usamos a língua, nas nossas práticas sociais, nas nossas atividades sociointerativas e a constituímos sempre em situações sociais de interlocuções. O ser humano não consegue viver em sociedade sem esse veículo de comunicação. É impossível se conceber uma sociedade em que não haja língua como meio de interação entre seus integrantes.

Assim, a língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana e também se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência. Ela pode nomear todas as novidades que a vida social produz, mas nenhuma dessas mudanças reage diretamente sobre sua própria estrutura. O sistema linguístico não muda senão muito lentamente, e sob a pressão de necessidades internas, de modo que os sujeitos que falam uma dada língua não são testemunhas das possíveis mudanças que possam, a vir, ocorrer no código linguístico (BENVENISTE, 1989, p. 101-2).

Em cada situação de fala em que o indivíduo se insere e da qual participa, a língua é, ao mesmo tempo, heterogênea e diversificada. E, é justamente essa situação de heterogeneidade que deve ser processada, analisada, sistematizada e compreendida pelo pesquisador de línguas e também pelo professor de língua materna. A diversidade linguística está presente em todos os segmentos sociais e, como não podia deixar de ser, na sala de aula. Que gramática ensinar? Como lidar com a diversidade linguística? Estas e outras questões sociolinguísticas estão na pauta dos Parâmetros Curriculares Nacionais e por isso é importante que o futuro professor se familiarize com os conceitos e com os pressupostos teóricos deste ramo da Linguística. Esperamos ajudá-lo com a disciplina Sociolinguística.

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SOCIOLINGÜÍSTICA

O termo “Sociolinguística” fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos da relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer e José Pedro Rona, entre outros. Os trabalhos apresentados neste congresso partiam da hipótese de que a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura dessa mesma sociedade. A proposta inicial da área era identificar um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada. Na verdade, a sociolinguística é uma continuidade dos estudos do começo do século XX, de Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin L. Whorf, em uma corrente chamada Antropologia Linguística, para a qual linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis.

Você encontrará um retrospecto mais amplo da emergência da Sociolinguística em ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: Fernanda Mussalim, Ana Cristina Bentes (orgs.). Introdução à linguística: 1. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

Em 1962, Dell Hymes propõe um novo domínio de pesquisa, a Etnografia da Fala, rebatizada mais tarde como Etnografia da Comunicação. De caráter interdisciplinar, buscando a contribuição de áreas como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística, este domínio pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural. A Etnografia da Comunicação desloca o enfoque tradicional sobre o código linguístico para definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade.

William Labov, em 1963, publica um estudo em que analisa comunidade da ilha de Martha Vineyard, Massachusetts/Estados Unidos, destacando o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. Labov consegue evidenciar a relação entre fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. Em 1964, Labov realiza um estudo sobre a estratificação social do inglês em Nova York, a partir do qual fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbana – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na linguística contemporânea.

Os estudos de Labov estão traduzidos para o português e publicados no livro Padrões sociolinguísticos (2008). Veremos com detalhes estes estudos na aula 3.

Merece destaque o ramo de estudos conhecido como Sociologia da Linguagem. Em um contínuo partindo do social ao linguístico, a Sociologia da Linguagem estaria mais ao final do social do que do início do linguístico. Este campo da Sociolinguística foca os estudos de atitudes linguísticas, plurilinguismo, planificação linguística e políticas de normatização linguística. No extremo do contínuo, mais próximo da linguística, ficariam a Sociolinguística Variacionista, os estudos de variação de registro, redes sociais, pidgins e crioulos. A Sociologia da Linguagem e a Sociolinguística são abordagens entrelaçadas, interdisciplinares.

Assim, estes múltiplos enfoques que se abrigam sob o rótulo Sociolinguística cobrem uma grande variação de assuntos que têm atraído fortemente a atenção de estudiosos e pesquisadores e que podem em muito contribuir para a prática docente do profissional das Letras. Estas abordagens têm enriquecido as discussões sobre os estudos variacionistas relacionados principalmente com a mudança linguística, tanto no indivíduo como na comunidade, merecendo, assim, cada vez mais a realização de pesquisas empíricas, no sentido de contribuir para a definição do conjunto de variedades e normas que, de fato, constitui o chamado português do Brasil. Nos próximos capítulos, empreenderemos esta tarefa.

CONCLUSÃO

Vimos nesta aula que a língua estabelece uma relação de ir e vir com a sociedade. Sem a língua, o homem não se organiza socialmente. Isso significa dizer que a organização social depende da língua, e que os fatos da língua dependem da organização da sociedade e vão variando, mudando, construindo discursos, trabalhando com elementos que estão ligados ao fato de que o homem é um ser linguístico e social, e de que essas duas coisas não se separam. Sistematizar este ir e vir da relação entre língua e sociedade é a tarefa da Sociolinguística!

RESUMO

O nosso propósito, nesta primeira aula, foi o de propiciar a reflexão sobre as relações entre língua e sociedade. Vimos que o estudo da relação entre língua e sociedade requer conceitos de língua, gramática e norma que se diferem dos de outras abordagens, como a estruturalista ou gerativista, por exemplo. Vimos que a relação entre linguagem e sociedade é base da organização humana, com



a linguagem funcionando como índice de pertencimento social e constitutivo de seus indivíduos. Ao se pensar a questão da língua, podemos vê-la como uma atividade, como um trabalho de sujeitos que, através dessa atividade, organizam, interpretam e dão forma a suas experiências e à realidade em que vivem. Assim, a Sociolinguística tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos com resultados que se refletem nas decisões políticas e educacionais exigidas pelas questões que a diversidade linguística suscita.

ATIVIDADES

1. Que características distinguem a sua maneira de falar da de seus avós? E a de um juiz de direito?
2. Você pode apontar alguma palavra que você usa somente em sua casa, e que não tenha ouvido em outro lugar?
3. Aponte algumas gírias e correlacione-as a um grupo social.
4. Faça uma lista das pessoas com quem você costuma interagir, estabeleça o grau de relacionamento e relate como cada pessoa se refere a você no seu cotidiano.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nestas atividades, você irá refletir sobre o uso da linguagem no contexto social. São atividades práticas e bem individuais, que não têm gabarito. Mas há, por exemplo, algumas orientações gerais. Se compararmos nosso falar ao dos nossos avós, vamos notar que eles fazem uso de alguns termos muito peculiares, que eram moda à época deles, que hoje nem sempre fazem sentido. Por exemplo, antigamente, calça jeans eram chamadas de “calça de brim”. Você vai identificar outros aspectos, especialmente aqueles relacionados às gírias. Gírias são recursos linguísticos decorrentes da necessidade que determinado grupo tem de particularizar e reforçar seu sentimento de identidade. Gíria de caminhoneiro, gíria de feirante, gíria de estudantes de determinada escola, gíria de assaltante... Por exemplo, “arma de fogo” pode ser “ferro”, “berro”, “besouro”... A ideia é que só os “entendidos” compreendam. Pelas gírias que usamos, podemos entregar a nossa idade.

O nosso nome é o nosso índice de pertencimento social mais forte. Vamos retomar o exemplo de nossa aula, José, em casa, por seus filhos, é chamado de “papai” ou “painho”. Por seus amigos, é chamado de “Zé”, “Zeca”. No trabalho, é chamado de “Soldado José”. Em cada contexto, cada papel social evoca uma forma específica de referir a nós mesmos. Você acharia muito estranho, até mesmo desrespeitoso, se um réu, durante uma audiência judicial, chamasse o juiz de “rapaz”, ainda que o réu e o juiz fossem amigos...

SESSÃO PIPOCA



Babel (2006). Drama, com Cate Blanchett, Brad Pitt e Gael García Bernal. Quatro mundos se unem para exibir um estudo sobre barreiras linguísticas, culturais e pessoais que abrange três continentes: uma família marroquina compra uma arma para proteger suas cabras; uma americana em férias no Marrocos é atingida por uma bala; uma babá tem problemas ao tentar cruzar a fronteira do México com os EUA; uma jovem japonesa surda-muda se rebela contra o pai.



Espanglês (2005). Comédia romântica com Paz Vega, Tea Leoni e Adam Sandler. Uma mexicana imigrante ilegal consegue um emprego de empregada doméstica na casa de uma família americana, tendo que lidar, entre outras coisas, com a barreira linguística...



PRÓXIMA AULA

Agora que já vimos do que trata a Sociolinguística, veremos na próxima aula, Introdução aos estudos sociolinguísticos: objeto e conceitos, como este campo do saber se constitui como ciência, ou seja, como seu objeto de análise é delimitado e como são definidos os conceitos teóricos da área.

AUTOAVALIAÇÃO

Após estudar esta aula, sou capaz de identificar e reconhecer relações entre a linguagem e sociedade, notadamente os usos linguísticos como índices de pertencimento social? Sei identificar os conceitos de língua e de gramática que são subjacentes a uma abordagem sociolinguística? Compreendi o conceito de norma linguística? Se você respondeu negativamente a estas perguntas, releia a aula, faça as atividades e procure a tutoria, pois para prosseguir na disciplina, estes conceitos introdutórios são essenciais.



REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina Bentes (orgs.). **Introdução à linguística I**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- BAGNO, Marcos. **A linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **A linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.
- GORSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. Língua materna e ensino: alguns pressupostos para a prática pedagógica. In: SILVA, Camilo Rosa da (org). **Ensino de português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa: Idéia, 2007. p. 91-125.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [1916] **Curso de linguística geral**. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.